

AdUFRJ

1243 • 2 de setembro de 2022 • www.adufrj.org.br • TV ADUFRJ: youtube.com/adufrj



Os versos do Canto Primeiro de “Os Lusíadas”, poema épico do português Luís de Camões, publicado em 1572, traduzem a urgência do momento: minimizar as diferenças e tecer uma potente unidade para derrotar Bolsonaro. Foi com esse espírito que os professores da UFRJ decidiram em assembleia apoiar a candidatura de Lula à Presidência. A AdUFRJ não fará doações financeiras nem propaganda, mas se empenhará para defender a democracia e a universidade pública.

EDITORIAL

CAR@ COLEGA

DIRETORIA

Defendido pela diretoria da AdUFRJ, o apoio político à candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) foi referendado por ampla maioria pelos professores reunidos em assembleia na quarta-feira (31). Dos 445 votantes, 318 (71,5%) decidiram pelo apoio à chapa Lula/Alckmin, enquanto 107 (24%) se posicionaram contra. Outros 20 professores se abstiveram. Para o presidente da AdUFRJ, professor João Torres, a decisão da base reafirma um compromisso de campanha da diretoria. “Nosso programa dizia que a gente ia apoiar o candidato do campo democrático com maior viabilidade eleitoral para derrotar Bolsonaro. Todas as pesquisas indicam que esse candidato é o Lula e nos sentimos muito à vontade para levar este processo à frente”, lembrou João Torres.

A 30 dias do primeiro turno das eleições, a AdUFRJ entra nessa reta final de campanha revigorada pelo apoio expressivo de sua base à posição de apoio político à candidatura Lula. É com essa esperança por dias melhores que vamos trabalhar nas próximas quatro semanas, em defesa da democracia, da universidade pública e do país.

O resultado da assembleia é um contraponto à posição de neutralidade mantida pelo Andes ao longo da campanha. E não é uma decisão isolada. Outras seções sindicais também se manifestaram em favor do apoio político a Lula, como a Associação de Docentes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (ADUR-RJ), a ADUFPB e a ADUFC. Para a professora Mayra Goulart, vice-presidente da AdUFRJ, é importante que o apoio a Lula seja logo no primeiro turno: “Em um segundo turno é maior a probabilidade de contestação

ADEUS A MAURÍCIO LISSOVSKY

A AdUFRJ lamenta o falecimento do professor Maurício Lissovsky, da Escola de Comunicação, ocorrido em 25 de agosto. O docente era autor de vasta obra ligada aos temas de história visual e teoria da imagem. A ECO declarou luto oficial de três dias e adiou as atividades do ECOmeço para o dia 5 de setembro. “Nos solidarizamos com a dor de sua família e todas as pessoas que o amavam”, afirmou a direção da ECO.

Lissovsky foi historiador, redator e roteirista. Mestre e doutor em Comunicação pela UFRJ, fez estágio de pós-doutoramento no Birkbeck College/Universidade de Londres. Pesquisador do CNPq, integrou o Programa de Pós-Graduação



em Comunicação e Cultura da UFRJ. Foi pesquisador-visitante no Plas/Princeton University e professor-visitante na Federal de Pernambuco (UFPE), além de coordenador da área de Comunicação e Informação na Capes. A diretoria expressa solidariedade à família e aos amigos neste difícil momento.

antidemocrática da eleição”, observou Mayra.

Os riscos de ruptura democrática exaustivamente sinalizados pelo Planalto e a possibilidade de mais quatro anos de destruição nacional, caso Bolsonaro saia vitorioso das urnas, parecem não sensibilizar o Andes. Com sua invejável capacidade de abstração da realidade, a diretoria do sindicato nacional tem mantido sua posição de neutralidade nas eleições sob o genérico slogan de “Fora, Bolsonaro” e a defesa de uma suposta autonomia sindical. Na assembleia, a professora Mayra Goulart, criticou a postura do Andes: “Entendemos que o conceito de autonomia é mantido quando tomamos posição. Não é o momento de tergiversar diante das urnas”, ponderou Mayra. A cobertura completa da assembleia está na página 3.

A defesa da universidade pública — tão atacada pelo projeto de destruição nacional representado pelo governo fascista de Jair Bolsonaro — foi também lembrada na assembleia como mais um fator em prol do apoio à candidatura Lula. Nesta edição, duas matérias mostram que, apesar de sobreviver a duras penas sob os sucessivos cortes de gastos em seu orçamento, a UFRJ resiste. Nas páginas 6 e 7, o tema é o Festival do Conhecimento, com sua pluralidade de saberes e percepções. E, na matéria da página 8, toda a emoção da reabertura do Museu Nacional, quatro anos depois do incêndio que quase o destruiu totalmente.

Completam a edição duas reportagens que também tratam da UFRJ. Na página 4, mostramos a polêmica em torno da possível troca dos 11 andares da universidade no Edifício Ventura, no Centro do Rio, pela finalização de obras inacabadas no campus do Fundão e na Escola de Música, na Cinelândia. Na página 5, um perfil do estudante Nicolas Vilete, hoje no segundo período do bacharelado do Instituto de Matemática. Ele coleciona medalhas em competições nacionais e internacionais: a mais recente delas é a de ouro na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas.

A 30 dias do primeiro turno das eleições, a AdUFRJ entra nessa reta final de campanha revigorada pelo apoio expressivo de sua base à posição de apoio político à candidatura Lula. É com essa esperança por dias melhores que vamos trabalhar nas próximas quatro semanas, em defesa da democracia, da universidade pública e do país.

Boa leitura!

GODOFREDO NETO NA ABL

O professor Godofredo de Oliveira Neto, da Faculdade de Letras, tomou posse nesta sexta-feira, dia 2, na Academia Brasileira de Letras. O novo imortal foi eleito em junho e ocupa a cadeira 35. O docente escreveu mais de 20 obras. Romancista e contista, teve os romances Menino Oculito e Amores Exilados traduzidos para o francês e lançados no 35º Salão do Livro de Paris-2015. Na Bulgária, publicou o livro Ana e a Margem do Rio e ganhou, no Brasil, o selo “altamente recomendável”, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Lecionou na Universidade de Paris III – Sorbonne-Nouvelle, entre 1982 e 1984. Foi, ainda, professor visitante na Universidade de Veneza – Ca’ Foscari, em 2018.



Foi presidente do Conselho Científico do Instituto Internacional de Língua Portuguesa da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. É pesquisador associado do Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ e membro do comitê de pesquisadores da Collection Archives, da Unesco.

CONVÊNIO

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). A proposta é oferecer descontos em estabelecimentos como escolas, cursos, academias, clínicas estéticas e de saúde, entre outros. Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufrrj.org.br.

RIO DE JANEIRO



CLUB PET



MAPLE BEAR TIJUCA



MIT CUIDADORES



ACADEMIA TIJUCA FIT



MADONA CLINIC



PSICARE



FISIOTERAPIA RJ LTDA



CRECHE AMANHECENDO



CRECHE ESCOLA RECRIAR



CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS



ROÇA URBANA ORGÂNICOS



JC LUZ CORRETORA



FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL



BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIAS



MACAÉ



ESCOLA ALFA



CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL



HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR



MAIS FITNESS ACADEMIA



CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA



INSPIRE ENERGIA SOLAR



KALUNGA PAPELARIA



DROGARIA RAIÁ

Assembleia decide apoio a Lula no primeiro turno

> Posição defendida pela diretoria da AdUFRJ é referendada por mais de 70% dos docentes e se junta a de outras seções sindicais que decidiram contestar a postura de neutralidade do Andes

ALEXANDRE MEDEIROS
alexandre@adufrrj.org.br

Reunidos em assembleia na quarta-feira (31), os professores da UFRJ referendaram a posição defendida pela diretoria da AdUFRJ de declarar apoio à candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), já no primeiro turno das eleições presidenciais. A decisão resultou da análise de que o momento político nacional é grave e de que a reeleição de Bolsonaro ameaça a democracia e a universidade. Por meio do Sistema Helios, 445 professores se manifestaram sobre a seguinte questão: diante da atual conjuntura política do país, você é a favor que a AdUFRJ declare apoio à chapa Lula/Alckmin?

Com apenas 20 abstenções, a votação deu larga margem de aprovação à posição da diretoria: 318 votaram sim (71,5%) e 107 votaram não (24%). A decisão dos professores da UFRJ é semelhante a outras posições de apoio à candidatura Lula tomadas nos últimos dias por sindicatos de docentes de instituições federais de ensino de todo o país.

Na mesma quarta-feira (31), a Associação de Docentes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (ADUR-RJ) aprovou a defesa da candidatura Lula e a criação de um Comitê de Luta da UFRJ. O apoio a Lula no primeiro turno já havia sido decidido pelos docentes da UFPB (ADUFPB) e pelos professores das universidades federais do Ceará, reunidos na ADUFC. Esse movimento nacional se contrapõe à posição de neutralidade assumida pelo Andes que, ao longo do processo eleitoral, se limitou a pedir o Fora Bolsonaro.

Para o presidente da AdUFRJ, professor João Torres, a expressiva aprovação da base à posição da diretoria reforça um compromisso assumido ainda durante a campanha eleitoral do sindicato. “Nosso programa dizia que



JOÃO TORRES: “É um posicionamento claro em defesa da democracia, da universidade pública e do país”



MAYRA: Contestação ao Andes

iríamos apoiar o candidato do campo democrático com maior viabilidade eleitoral para derrotar Bolsonaro e tudo o que ele representa. As pesquisas indicam que esse candidato é o Lula e nos sentimos muito à vontade para levar este processo à frente”, afirmou o presidente. “É importante ressaltar que o apoio político a Lula não implica de forma alguma apoio financeiro ou perda de autonomia em relação a qualquer partido. É um posicionamento claro em defesa da democracia, da universidade pública e do país”.

POLÊMICAS NA ASSEMBLEIA

Realizada de forma híbrida, a assembleia da AdUFRJ contou com a participação de sete professores no auditório da Escola de Química, no CT do Fundão, e de 41 de forma remota, durante os debates que tomaram toda a manhã. Algumas unidades fize-

ram reuniões prévias e levaram seus informes. A professora Aline Caldeira Lopes, da Escola de Serviço Social, leu uma nota elaborada a partir de uma reunião na unidade, realizada no último dia 29, que divergia da posição da diretoria. Com o mote de “nenhum voto em Bolsonaro”, a manifestação dos docentes da Escola de Serviço Social teve o apoio dos professores do Colégio de Aplicação — em relato feito pela professora Renata Flores — e se alinhou à neutralidade do Andes.

O posicionamento do sindicato nacional foi defendido pelo diretor regional da entidade no Rio, professor Markos Klemz. “Eu vou votar no Lula no primeiro turno, votei no PT na eleição de 2018. É importante não está num momento de simbolismos vazios, nem num momento de fomentar disputa interna. Defendo a posição de autonomia sindical. Sindicato não é partido, isso enfraquece os dois”, argumentou o professor. O mesmo posicionamento foi defendido pelos professores Luis Acosta e Carla Ferreira, ambos da Escola de Serviço Social, Claudio Ribeiro, da FAU, Fernanda Vieira, do NEPP-DH, e Rodrigo Volcan, do Instituto de Química.

Pela diretoria da AdUFRJ, na

direção oposta, a professora Mayra Goulart, vice-presidente do sindicato, fez uma análise da conjuntura e sustentou o apoio a Lula no primeiro turno: “O propósito desta assembleia é de contestação. Contestação à postura de um sindicato nacional que não toma um partido definido diante de uma eleição como essa. Não é uma eleição na qual eu vou votar serena, tranquila. A existência da universidade e da docência de ensino público superior, tal como conhecemos, está ameaçada. E é diante dessa ameaça que nós, como seção sindical, entendemos que o conceito de autonomia é mantido quando tomamos posição. Não é o momento de tergiversar diante das urnas. Por isso estamos indicando o voto em Lula. Não somos um sindicato só de sindicalistas, nós defendemos a categoria e a universidade”.

A professora Leda Castilho, da Coppe, foi enfática “Os severos cortes orçamentários põem



MARKOS: pela autonomia

em risco até a continuidade do sistema de educação superior, e de C&T. Resgatar a esperança significa derrotar Bolsonaro, e para isso temos que eleger Lula. O Andes é contra esse apoio. Mas várias ADs estão tirando o Andes desse imobilismo. Não são eleições normais. Na prática, é um plebiscito. Até para garantir que daqui a quatro anos as nossas universidades ainda existam. Por isso apoio a posição da diretoria da AdUFRJ”, defendeu Leda.

Na mesma linha, os professores Ricardo Medronho e Ana Lucia Fernandes, diretores da AdUFRJ, centraram suas falas no risco à democracia que Bolsonaro representa. “Desde o final da ditadura, a democracia no Brasil nunca esteve tão ameaçada. E isso exige que tomemos decisões não convencionais. É óbvio que sindicatos não podem estar atrelados a partidos, precisamos preservar a autonomia. Porém, neste momento, é importante vencer o fascismo. E para isso temos que apoiar a candidatura Lula”, ponderou Medronho. “Para resgatar o país da barbárie temos que dar apoio político e eleger Lula presidente no primeiro turno. Adotar a neutralidade significa um risco”, observou Ana Lucia.

Os professores Pedro Lagerblad, do IbQM, Hélio de Mattos, da Faculdade de Farmácia, e Maria Paula Araújo, do Instituto de História, também destacaram a singularidade do momento político do país. Essa avaliação, que endossou a posição da diretoria, pode ser resumida na fala da professora Eleonora Ziller, ex-presidente da AdUFRJ. Ela citou o poeta português Luis de Camões: “Estamos diante de um processo de fascistização, com um governo com apoio explícito neonazista, gastando bilhões para ganhar a eleição, e ainda tem gente achando que nós temos uma eleição no campo democrático. Com diria Camões, ‘cesse tudo o que a musa antiga canta, que outro valor mais alto se alevanta’. Temos que eleger Lula no primeiro turno”.

outros sindicatos de docentes que já avançaram com ações na Justiça, como a Associação dos Professores da Universidade Federal do Paraná (APUFPR), que obteve êxito para o pagamento de adicionais de periculosidade, insalubridade e raio-x durante o trabalho remoto.

A professora Roberta Pereira Coutinho, do curso de graduação em Enfermagem e Obstetrícia do campus Macaé, relatou a dificuldade de se encontrar quem queira assumir cargos de gestão ou direção, pelo temor de perder o adicional de insalubridade. “Temos muita dificuldade de preencher esses cargos, pois ninguém quer perder seus adicionais ao assumir um novo posto, e acho que esse não é um problema exclusivo de Macaé”, observou a professora.

ADICIONAIS E PROGRESSÕES: AÇÕES COLETIVAS

Por unanimidade, a assembleia autorizou a direção da AdUFRJ a ingressar na Justiça com duas ações coletivas: em defesa dos direitos das progressões de carreira e pela garantia do pagamento dos adicionais de insalubridade. O presidente da AdUFRJ, professor João Torres, informou que há

461 ações em curso com a assessoria jurídica do sindicato, muitas delas referentes aos adicionais e às progressões, e que já foram esgotadas as tentativas de resolução dos impasses relativos aos dois temas por via administrativa. “Como primeiro passo para viabilizar essa ofensiva na Justiça,

vamos realizar reuniões com a assessoria jurídica e os professores interessados nos dois temas para debater a melhor formulação de cada ação”, anunciou João Torres. As datas das duas reuniões serão amplamente divulgadas. Ele também informou que a AdUFRJ vem recebendo colaborações de



ESQUELETOS foram erguidos há dez anos. Acima o "paliteiro", ao lado da Letras, e o "novo" alojamento estudantil, junto ao CCMN

> Reitoria quer trocar 11 andares do Edifício Ventura pela finalização de obras no Fundão e na Escola de Música. DCE e Sintufrj são contra. Prédio fica no Centro e é um dos mais modernos da América do Sul

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

Onze andares. Quinze mil metros quadrados. Esta é a parte que cabe à UFRJ do Edifício Ventura. O moderno prédio corporativo foi construído entre 2008 e 2010 num terreno de oito mil metros quadrados que pertencia à universidade, na Avenida Chile. A contrapartida da iniciativa privada foi destinar à instituição 11 andares para uso. Ocorre que um dos prédios mais luxuosos do Brasil e o mais certificado da América do Sul não corresponde às necessidades acadêmicas da UFRJ. Menos ainda à realidade financeira da instituição. Situação que levou a reitoria a apresentar, na última semana, a proposta de trocar a posse desses andares por obras de infraestrutura.

"Queremos trocar 15 mil m² por 70 mil m² em área construída", revela o vice-reitor Carlos Frederico Leão Rocha. O plano faz parte do "Projeto Valorização dos Ativos Imobiliários da UFRJ", que também inclui a área do Canecão. Quem se tornar proprietário dos andares do Ventura deverá terminar a construção de cinco edificações na Cidade Universitária, realizar melhorias na Escola de Música,

OTAMANHODOPROBLEMA

VENTURA TOWERS
UFRJ tem 11 andares em edifício de alto padrão na Av. Chile. Só metade está ocupada com aluguéis



além de erguer um prédio novo no terreno da Escola.

Fazem parte desse conjunto de obras inacabadas, por exemplo, o restaurante universitário do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN); a nova residência estudantil - esqueleto que fica ao lado do CCMN; o prédio dos centros de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) e de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) - esqueleto ao lado da Faculdade de Letras; o prédio do Instituto de Matemática; e as obras do novo prédio do Instituto de Ciências Biomédicas (ICB).

O projeto encontra resistência entre as bancadas estudantil e de técnicos-administrativos, no Conselho Universitário. Coordenadora do Sintufrj, a técnica Vânia Godinho questionou, no último Consuni, a proposta de alienação dos andares do Edifício Ventura. "Trocar 15 mil m² de um espaço que é nosso por

70 mil m² de um espaço que também é nosso é abrir mão de patrimônio público", criticou. "Se temos obras inacabadas, isso se deve aos cortes orçamentários. Esse tipo de concessão enfraquece a nossa luta porque vamos abrir mão de patrimônio público até o momento em que ele se esgotar", acusou. "Não queremos reduzir, queremos ampliar o patrimônio público", rebateu a reitora, professora Denise Pires de Carvalho. "Prédios inacabados não servem à atividade-fim da universidade".

A Escola de Música é a única unidade da UFRJ a ocupar um dos andares do Ventura. O código de vestimenta do local, bem diferente da informalidade característica da juventude da universidade, impede o acesso ao prédio de pessoas com bermudas, chinelos, camisetas, de alças, blusas de alça e saias curtas. "Eu já tive que descer para dar o tênis de um aluno para o

outro entrar no prédio, porque ele estava de chinelo e foi barrado", contou a professora Maria das Graças dos Reis, da Escola de Música. "Professor fala normalmente alto, mas lá nós não podemos. Nós temos que sussurrar", desabafou. "Quer lugar pior para dar e receber aulas?"

A discussão sobre o destino do Ventura e dos esqueletos do Fundão não tem prazo estabelecido para terminar e deverá acontecer em novas reuniões do Consuni.

FERNANDO SOUZA



ORGULHO Medalhista de competições de matemática, Nicolas Vilete está no segundo período do bacharelado do IM-UFRJ

VIDA EQUACIONADA

> Estudante medalhista de ouro da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas é um dos mais novos integrantes de um programa especial de iniciação científica na universidade

KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

Nicolas Vilete, 18 anos, morador de Nilópolis, gosta de jogar *Minecraft* e *League of Legends*, adora animes e mangás, e não dispensa a pizza com os amigos. Seria um perfil bastante comum para a idade, mas com uma diferença importante: o jovem coleciona medalhas em competições nacionais e internacionais de matemática. Na mais recente delas, no fim do ano passado, faturou um ouro na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP).

"Sempre gostei de matemática. Sempre fui bem nas provas. Quando terminei o ensino médio, decidi continuar", diz Nicolas, hoje no segundo período do bacharelado do Instituto de Matemática da UFRJ. "Em competição, não basta saber o conteúdo. Tem que desenvolver a ideia. Pensar nisso é a parte mais legal da matemática".

O feito de Nicolas não é pequeno no país que apresenta um dos piores desempenhos do mundo no aprendizado da matéria. O mais recente estudo do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) mostra que apenas 2% dos estudantes brasileiros do ensino fundamental alcançaram os níveis 5 ou 6 de proficiência, que

são os mais altos da instituição.

Além do gosto pessoal pela matéria, um projeto do Colégio Estadual Marechal Zenóbio da Costa, em Nilópolis, foi decisivo para a performance de Nicolas. "Era a 'sala de aula invertida'. A ideia é que o professor passa uma prova, normalmente de um nível mais difícil que o nosso. Quem resolve uma questão ensina os colegas. É invertido porque a gente faz o papel de professor. E dizem que ensinando você aprende bastante", afirma Nicolas.

Aprendeu bastante e colheu frutos. A medalha da OBMEP lhe garantiu o direito de se inscrever em um Programa de Iniciação Científica e Mestrado (Picme), que vai render R\$ 400 mensais.

DEZENOVE BOLSISTAS

O professor Sérgio Ibarra é o responsável pelo programa Picme na UFRJ. "O primeiro critério de participação é ser medalhista, mas não necessariamente como aluno da Matemática", informa. Hoje, a UFRJ possui 19 bolsistas da modalidade, sendo 11 de cursos do instituto. Mas há alunos das engenharias, da Física Médica e até de Comunicação Visual Design. Nicolas entrou na última leva, junto de outros três colegas.

Os medalhistas já ingressam na universidade com uma base boa da matéria. O papel da instituição é apresentar possibilida-



A OBMEP tem sido a maior ação motivadora para o estudo da Matemática entre alunos da educação básica

NEDIR DO ESPIRITO SANTO
Diretora da AdUFRJ e professora do Instituto de Matemática

des interdisciplinares. "Ele não fica só pensando na matemática pura. Pensa também no que pode levar para a sociedade. O ganho maior está por aí. Abre o mundo para eles", afirma Ibarra. "Meu trabalho principal é apontar uma direção. O aluno é encaminhado para um colega orientador que vai combinar o processo de iniciação científica com cada um".

Desde o início do programa em 2009, a UFRJ já teve 158 bolsistas. As olimpíadas de matemática premiam centenas de jovens em cada edição. Para se inscrever no Picme, basta estar regularmente matriculado em alguma instituição de ensino superior e ter recebido uma medalha (de ouro, prata ou bronze) em qualquer edição da olimpíada. "Em geral, as notas são muito próximas. Até como uma forma de incentivo, a OBMEP faz uma ampla distribuição de medalhas", avalia Ibarra.

O Picme também serve como uma preparação para o mestrado na Matemática. "Os alunos que ganham bolsa têm rendimento bem alto e, para entrar no mestrado, fica mais fácil. Mas não é algo automático. É necessário fazer as provas da seleção".

Assim como centenas de outras iniciativas de Educação e Ciência, o programa sofre com o subfinanciamento no governo Bolsonaro. "Antigamente, a média era de 25 bolsas por ano.

Este semestre, tive que recusar quatro medalhistas, de áreas paralelas à Matemática. Por exemplo, da Medicina. Não há bolsas suficientes". O Picme também previa pagamento de bolsas de mestrado, via Capes. Mas elas estão suspensas desde 2020.

AÇÃO MOTIVADORA

Diretora da AdUFRJ e professora do Instituto de Matemática, Nedir do Espírito Santo é uma entusiasta da OBMEP. "Certamente tem sido a maior ação motivadora para o estudo da Matemática entre alunos da educação básica, envolvendo professores das escolas que se empenham em atividades diversificadas e diferenciadas no ensino, conduzindo seus alunos ao sucesso", afirmou.

Nedir observa que a iniciativa ajuda a formar novos quadros para a comunidade científica. "Em geral, os medalhistas fazem parte de grupos de alunos que se destacam na universidade com excelente desempenho e adentram a vida acadêmica participando em atividades de iniciação científica e projetos, que são os primeiros passos para se tornarem pesquisadores". Ela completa: "Parabeno Nicolas pela medalha. Quem sabe, tenhamos, no futuro, um grande Matemático? Parabeno também o Colégio Estadual Marechal Zenóbio da Costa, onde estudou, e os professores que o ajudaram na preparação".



FESTIVAL DO CONHECIMENTO

> Com o tema “Do Ancestral ao Digital”, terceira edição do evento promoveu mais de 800 atividades virtuais durante cinco dias. Mesa de abertura teve ato em defesa das universidades públicas

ESTELA MAGALHÃES
estela@adufrrj.org.br

Só a UFRJ consegue articular e reunir da ministra Cármen Lúcia ao nosso querido Milton Cunha. Os saberes jurídicos e os saberes da festa e do Carnaval, tudo cabe nesse espectro tão amplo”, disse a pró-reitora de extensão, professora Ivana Bentes, na abertura do Festival do Conhecimento, na segunda-feira (29). Em sua terceira edição, o maior evento virtual da universidade reuniu especialistas de diversas áreas e convidados especiais em mais de 800 atividades virtuais por cinco dias.

“A extensão existe nesse lugar

da diversidade, do encontro de saberes e da busca pelo que ainda não está institucionalizado”, completou Ivana. “Estamos juntos nestes cinco dias de Carnaval, conhecimento e folia!”, reforçou o carnavalesco Milton Cunha, embaixador do festival.

O tema da edição, “Do Ancestral ao Digital”, propôs uma reflexão sobre as diferentes visões de mundo contemporâneas e a percepção do passado como guia para o futuro. “Nossas pegadas precisam ser reinterpretadas nesse momento de encruzilhada da história, onde vamos constituir como chegamos até aqui e escolher o melhor caminho do ponto de vista político e simbólico”, afirmou a vereadora Tainá de Paula (PT). “Buscar a



A extensão existe nesse lugar da diversidade, do encontro de saberes

IVANA BENTES
Pró-reitora de Extensão

nossa ancestralidade é muito importante”.

Mas não foi só festa do conhecimento. A mesa de abertura também representou um ato em defesa das universidades públicas. “É nas universidades que aprendemos a lidar com o contraditório e a dialogar. Nós formamos profissionais quali-

ficados, mas antes disso, formamos cidadãos e cidadãs críticos e competentes, fundamentais para a sociedade”, disse a reitora Denise Pires de Carvalho.

O professor João Torres, presidente da AdUFRJ, lembrou dos ataques do governo à Ciência e à democracia. “O momento exige que os professores, cientistas e intelectuais explicitem em alto e bom tom o valor do pensamento crítico, o peso das evidências e a importância dos dados”, disse.

Já a ministra do STF Cármen Lúcia celebrou o papel das universidades na criação de diálogos e como anfitriãs da diversidade. “A universidade é algo que se abre para o mundo e permite que a gente aprenda e ensine a convivência com o diferente”, disse.

A reitora da Federal de Rondônia, Marcele Pereira, outra convidada da mesa de abertura, comemorou a integração entre as universidades. “Desde o primeiro Festival do Conhecimento já ficamos todos muito maravilhados com a capacidade de articulação e de reunir pessoas diferentes, com a riqueza das reflexões”, lembrou.

A primeira edição do festival aconteceu em 2020, no início da pandemia de covid-19, e foi pioneira na produção de eventos virtuais. Ela teve como tema “Universidade Viva”, em celebração ao centenário da UFRJ. No ano seguinte, o título foi “Futuros Possíveis”, com destaque para o enfrentamento da pandemia.

SINDICATO DEVE SER ESPAÇO DE ESCUTA E ACOLHIMENTO

A discussão dos rumos do sindicalismo docente mobilizou uma das mesas do festival nesta sexta-feira (2), dois dias após a Assembleia da AdUFRJ aprovar o apoio à candidatura Lula. Para Mayra Goulart, vice-presidente da associação e coordenadora do Laboratório de Eleições, Partidos e Política Comparada, uma decisão mais que acertada.

“Quando nós atuamos como representantes de um sindicato, podemos falar a partir deste corpo (de pessoas) particular. Então por que estamos nos manifestando em uma eleição geral? Porque esta eleição geral tem impacto imediato e direto em

nossas vidas”, afirmou a docente. Mayra defendeu que a AdUFRJ se posicione em qualquer eleição indicando o candidato que melhor atenda aos interesses dos professores, mas destacou a gravidade do pleito atual. “Nesta eleição, o que está em jogo é a manutenção do devido processo legal. É a possibilidade de haver novas eleições. É a manutenção da possibilidade de existir sindicato. Nós, professores, temos um modo de vida que está ameaçado”, alertou.

Ex-diretor da AdUFRJ, o professor e cientista político Josué Medeiros concordou. “É a manutenção da democracia e da uni-



versidade pública. Ou seja, daquilo que caracteriza a nossa missão. Também está em jogo a liberdade de cátedra”, observou o coordenador do Observatório Político e Eleitoral e do Núcleo de Estudos sobre a Democracia Brasileira.

Mediador do debate e presidente da AdUFRJ, o professor João Torres ponderou que, caso a chapa Lula-Alckmin vença as

eleições, a perspectiva é fazer uma luta pela esquerda para ampliar direitos dos docentes. “É a questão da aposentadoria, principalmente para os jovens, que têm uma carreira diferente da minha, por exemplo”.

COMO ATRAIR FILIADOS

A dificuldade de atrair novos filiados para o sindicato também repercutiu na mesa. “Os professores estão doentes, cansados, desvalorizados, com problemas psicológicos. Isso tudo cria obstáculos para que façam parte do movimento sindical”, observou Mayra. “Ontem fui fazer um evento no IFCS e não havia um cabo para conectar o data-show. A sala tem cheiro de mofo. Só tem banheiro no terceiro andar. O sindicato tem que ser um lugar de escuta e acolhimento”, completou.

Mayra destacou o papel do Observatório do Conhecimento, rede de associações da qual faz parte a AdUFRJ em defesa da Educação e da Ciência públicas, para ajudar a criar melhores condições de trabalho aos docentes. “Um desafio da AdUFRJ hoje, que se diferencia de outros sindicatos, é ter particular atenção às verbas da Ciência e Tecnologia e atuar em defesa disso”.

Também é importante que o sindicato se conecte com dinâmicas vividas no interior da categoria, argumentou Josué. Neste sentido, o docente elogiou outra iniciativa do Observatório do Conhecimento: a produção de um documentário (Ciência: Luta de Mulher) que observou Mayra. “Os professores enfrentam dificuldades de mulheres pesquisadoras. Uma mulher, quando fica grávida ou tem um filho, acaba sendo punida nos editais, porque não consegue acompanhar a produtividade dos homens”, disse Josué. (Kelvin Melo)

COMO DESMONETIZAR DISCURSOS DE ÓDIO

O combate à desinformação e ao discurso de ódio nos meios digitais ganhou destaque na mesa sobre o *Sleeping Giants Brasil*, movimento que desmonetiza as fontes desses conteúdos. “Com a distribuição automática de anúncios por grandes plataformas como Facebook e Google, empresas e marcas podem acabar patrocinando conteúdo nocivo”, explicou Mayara Stelle. “Nosso trabalho é alertar essas empresas e cortar o financiamento da desinformação”.



PROFESSORES DÃO AULA SOBRE VARIOLA DOS MACACOS

Contexto da epidemia, sintomas da doença e como é feito o diagnóstico. Pesquisadores da UFRJ deram um panorama completo sobre a varíola dos macacos. A resposta rápida da UFRJ à epidemia foi destacada. “Estruturamos nosso núcleo da covid para a monkeypox, para triagem, diagnóstico e orientação aos pacientes”, disse a professora Terezinha Castiñeira. Participaram ainda os professores Amílcar Tanuri, Clarissa Damaso e Rafael Galliez.



CONHECIMENTO, DIVERSÃO E MUITA MÚSICA

Apresentações musicais presenciais fizeram parte da programação de cada dia do festival. A Escola de Música da UFRJ, que comemora 174 anos esta semana, realizou a maioria delas. Logo no primeiro dia, o Salão Leopoldo Miguez recebeu a Orquestra Sinfônica da UFRJ. Na quinta (dia 1º), foi a vez do pianista Rafael Ruiz. Já no Teatro de Arena, na Praia Vermelha, houve show do DJ Goranmo, da banda Biltre e de Marina Iris.



EMÉRITOS DEBATEM A DEMOCRACIA E O COMUM

“Muito mais que nas altas esferas, a democracia está no cotidiano”, declarou o professor Muniz Sodré, emérito da ECO, durante debate com os professores Cristiano dos Santos e Raquel Paiva, também emérita. O tema da mesa foi “Crises da democracia e o comum”. “Mesmo bombardeada por um governo despótico, a academia mostra toda a potencialidade de seus 102 anos de resistência”, disse a professora, em referência ao Festival do Conhecimento.



KRENAK E O VALOR DOS SABERES QUE NÃO ESTÃO NAS BIBLIOTECAS

LUCAS ABREU
lucas@adufrrj.org.br

A pandemia e as mudanças climáticas acenderam um alerta sobre a relação da humanidade com o planeta, que parece chegar perto do seu limite. Parte considerável da sociedade olha para o futuro para buscar soluções, o que inclui planos megalômanos de bilionários do Vale do Silício de colonizar o espaço. Ailton Krenak propõe algo diferente, a busca por uma resposta na história. Não na história da colonização, aquela ensinada nas escolas, mas com os povos originários das Américas e suas lições sobre a relação com a natureza.

Filósofo, ambientalista, poeta e escritor, Krenak reúne habilidades que eram comuns em filósofos da antiguidade europeia ou renascentistas, mas uma perspectiva completamente diferente. Líder indígena da etnia Krenak, ele conjuga sua inteligência com a maneira indígena de ver o mundo e as coisas e de pertencer à terra. Krenak participou do Festival do Conhecimento, em conversa mediada pela professora Ivana Bentes, e falou sobre como essa perspectiva pode salvar a humanidade.

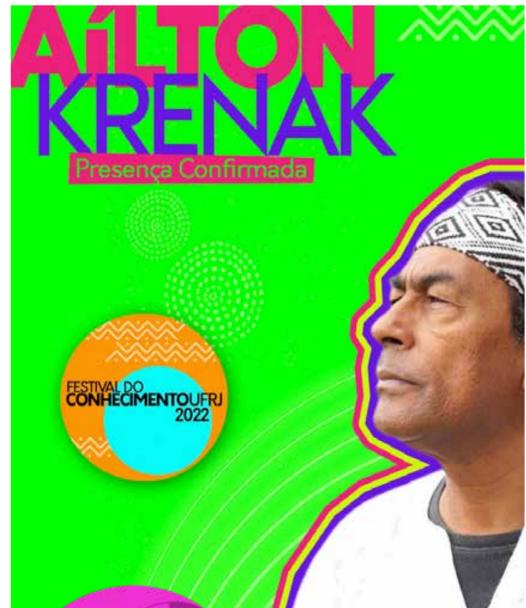
“Já há algumas décadas estamos tentando estabelecer essa espécie de comunicação entre mundos, essa tradução do pensamento de povos originários aqui no continente”, disse Krenak logo em sua abertura, citando ainda Eduardo Galeano, que sempre defendeu que o pensamento dos povos originários do continente ressoasse além das fronteiras da América Latina.

“A ocupação colonial foi tão vasta que substituiu muitos mo-

dos de viver por outras organizações, outros modos de assentamento”. Krenak conta que, apesar da colonização brutal, as cosmologias de muitos povos originários andinos persistem e continuam sendo passadas adiante dentro das suas comunidades, mesmo estando fora de bibliotecas. “Isso é resultado de uma corajosa persistência e de uma persistente maneira de transmitir de geração em geração saberes que não estão nos livros ou nas bibliotecas”, ressaltou.

Krenak conta que esses povos hoje falam sobre um tempo anterior à chegada dos europeus, quando o mundo era outro. “Houve, do Panamá à Terra do Fogo, uma experiência vigorosa de povos vivendo e compartilhando vários ecossistemas. Toda essa região compartilhada por ideia de estar no mundo que era expresso como o amplo território do Tahuantinsuyo, um período de uma experiência social, política e cultural de uma importância rara”, explicou. “Havia uma ecologia e um cuidado com tudo que constituía o entorno dos assentamentos humanos. Toda aldeia estava ecologicamente encaixada onde a cultura e o modo de produzir guardavam uma coerência reverente e sagrada com cada território”, acrescentou.

Na cosmologia desses povos, com a qual Krenak concorda, tudo é natureza, inclusive os seres humanos. A ideia remete à Pachamama, a maneira como os povos andinos viam o mundo. A Pachamama é a natureza em sua capacidade de criar e destruir, e os seres humanos fazem parte dela. “Se não somos natureza, não temos como experimentar a nossa relação com os outros se-



res, estaríamos deixando de ser essa experiência sensível da vida e estancando essa experiência de milhares de anos. Vamos nos tornando uma espécie de ciborgue”, explicou. “Estamos falando da nossa vinculação profunda com a vida no planeta Terra, no organismo de Gaia, na Pachamama”,

acrescentou.

É exatamente esse equilíbrio entre os povos originários e a natureza que apresenta uma saída para a humanidade. O que Krenak defende é um resgate desse modo de ver o mundo, entendendo o ser humano como parte da natureza, e não como o seu senhor. “Acredito que precisamos despertar uma consciência entre o divórcio que estamos produzindo e entre a experiência dos humanos e todos os outros seres que constituem o organismo da Terra. Se formos nos transformando em ciborgues, poderemos habitar qualquer outro lugar. Não vamos precisar desse maravilhoso organismo da Terra”, defendeu. “O pensamento antropocêntrico surgiu na Modernidade nos faz acreditar que podemos dominar a vida no planeta, quando na verdade estamos perdendo a qualidade da experiência de estar vivo e a nossa comunhão com bilhões de outros seres que dançam a experiência da vida aqui na Terra e no cosmos”, disse.





MUSEU DEVOLTA

> Quatro anos depois do incêndio, Museu Nacional inicia processo de reabertura com entrega da fachada restaurada



LUCAS ABREU
lucas@adufjrj.org.br

“**N**o dia do incêndio do Museu Nacional eu chorei. Na primeira vez em que estive aqui no museu, assim que tomei posse, em 2019, eu chorei.

Hoje eu choro com uma emoção diferente, a emoção da realização. Entrei aqui e chorei quando vi pessoalmente essa fachada. E agora a gente tem certeza de que o Museu Nacional vive”. Foi com a voz embargada pela emoção que a reitora Denise Pires de Carvalho separou os quatro anos exatos entre o incêndio no museu e a reinauguração da fachada do principal bloco do prédio histórico, que aconteceu nesta sexta-feira (2), parte da celebração do bicentenário da Independência do Brasil.

A emoção não era só da professora, mas de centenas de convidados que participaram do evento. Para marcar o lançamento, o Museu Nacional realizou uma entrevista coletiva com a participação, além da reitora, do professor Alexander Kellner, diretor do museu, Mariângela Menezes, presidente da Associação Amigos do Museu Nacional, Marlova Noletto, diretora e representante da Unesco no Brasil, Flavia Constant, diretora-executiva do Instituto Cultural Vale, e Bruno Aranha, diretor de Crédito Produtivo e Socioambiental do BNDES.

“Quem diria que nós estaríamos aqui

hoje, quatro anos depois da maior tragédia no cenário cultural e científico do nosso país, entregando um pequeno pedaço, que é a reconstrução da fachada do bloco histórico do primeiro museu fundado no país. E em um momento histórico, quando o país celebra 200 anos da Independência”, exaltou o professor Kellner. O diretor lembrou que foi naquele prédio que Maria Leopoldina, então princesa regente do Brasil, assinou o decreto da Independência, em 2 de setembro de 1822. A entrega da fachada do bloco A é a primeira de um cronograma que vai até 2027, quando todo o museu será reaberto ao público. As obras de recuperação começaram somente em novembro de 2021, retardadas pela retirada de escombros do prédio, pela confecção dos projetos executivos e pela pandemia de covid-19.

Quem visitar o Museu Nacional vai po-

der chegar bem perto do hall principal do Bloco A, que recebe a exposição “Recompõe Mineralogia”, com 17 peças minerais e que poderá ser vista da porta do prédio. Vai ser a primeira vez desde 2018 que o público vai poder se aproximar do Paço de São Cristóvão. No jardim em frente ao edifício, oito estátuas de mármore de Carrara, cada uma delas representando uma entidade da mitologia grega, vão ficar disponíveis para a visitação do público. As peças fazem parte da coroa do prédio, e foram substituídas no telhado por réplicas. Ao lado do jardim, painéis apresentam momentos marcantes na história da instituição, e contam a reconstrução do Museu.

DESAFIOS NO HORIZONTE

A reinauguração da fachada é uma boa notícia, mas ainda há desafios importantes para a conclusão da reconstrução. O primeiro é financeiro. Até o momento, foram captados R\$ 245 milhões, 64% do orçamento total da obra, que é de R\$ 380 milhões, e o valor pode aumentar, dependendo do momento econômico brasileiro que é de alta da inflação.

A reitora Denise Pires de Carvalho lembrou que este é um desafio grande, mas que mesmo em um cenário de brutal corte de gastos no orçamento da UFRJ (e de toda a educação superior), os cortes não comprometem as obras. “A reforma não está sendo feita com recursos do orçamento discricionário da UFRJ, então não haverá esse risco, mas ainda temos que captar quase 40% do valor orçado

para a obra”, ressaltou.

Outro obstáculo é a recomposição do acervo, que perdeu 85% de aproximadamente 20 milhões de exemplares no incêndio. Há um ano, a instituição começou a campanha “Recompõe”, para receber doações de itens. A campanha pretende receber 10 mil itens, em diversas áreas, e já conseguiu mil exemplares, segundo o diretor da instituição. “Se não tivermos a participação extensa internacional, essa etapa vai ficar prejudicada. Mas nós temos que merecer esse novo acervo, e só vamos merecer quando reconstruirmos o museu com as melhores normas de segurança para as pessoas e para as novas coleções. Hoje estamos provando que estamos no caminho certo”, disse o professor Alexander Kellner.

